

Museus da cidade lutam para reconquistar público

Pesquisadores discutem como reativar interesse pela memória brasileira

Na última terça-feira, dia 18 foi comemorado o Dia Internacional do Museu. Porém, ao invés de atividades festivas, surge a triste constatação de que a instituição Museu pode estar se tornando uma “peça de museu”, algo esquecido nos escaninhos da História e superado pela pressa e pela velocidade da era do vídeo e da informática.

Desde 1683, quando foi criado na Inglaterra o primeiro museu do Mundo — o Museu de Oxford — até hoje, a evolução histórica obrigou a Museologia a se adaptar aos tempos, criando novos conceitos e práticas administrativas. Mas neste fim de

século, o museu passa por uma verdadeira crise de identidade e ainda não conseguiu impor-se de forma “competitiva” frente à outras atrações culturais e de lazer.

“A perda crescente de público e de recursos para manutenção dos museus são um fenômeno mundial”, dizem em coro a ex e a atual coordenadoras do Programa de Museus da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, Lêda Watson e Alayde Sant’Anna. Mais: para elas, “o brasileiro vai para o exterior e a primeira coisa que faz é fila nos museus, mas no seu próprio país ele não dá muita bola”.

Em cidades brasileiras como Salvador e Rio de Janeiro, onde a história não é tão recente assim, ainda é possível chamar a atenção para os patrimônios históricos e culturais que se configuraram até nas próprias edificações espalhadas por seu perímetro. Brasília, no entanto, ainda nem chegou à “meia idade”, apesar de o proje-

to de mudança da capital para o Planalto Central datar do Século XVIII, e seus prédios representam apenas a “arquitetura moderna” e o conceito de “cidade planejada”, muito interessantes para os estudiosos da área mas um pouco entediantes para o observador comum.

Sistema — Pensando nestes problemas, o então governador Wanderley Valim criou em 1990, através de um decreto, o Sistema de Museus do Distrito Federal, regulamentado e em processo de discussão, envolvendo as administrações dos 15 museus existentes no DF. “De duas em duas semanas nós nos encontramos, buscando encontrar meios de revitalizar os museus e estudando a viabilização de convênios dentro do Sistema”, diz Alayde, adiantando que há algum tempo vêm ocorrendo ações conjuntas entre os museus, a maioria com administração autônoma, e a Secretaria de Cultura.

“A carência maior dos museus é a formação de profissionais para atuação na área”, aponta Lêda. Cursos regulares de Museologia existem apenas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Salvador, de onde vêm eventualmente professores para o treinamento dos funcionários dos museus brasilienses. Outra carência, para Alayde, é a de “criatividade para atrair visitantes”. Recém-chegada do Rio de Janeiro, ela conta com entusiasmo a forma encontrada pelo Museu da República de chamar a atenção da população: criou uma peça de teatro, onde dramatiza os últimos momentos de Getúlio Vargas no Palácio do Catete antes de seu suicídio. A peça vai se desenrolando à medida em que o museu é visitado.

Além da reflexão sobre as formas de atrair o público, os museus lutam com a falta de recursos, generalizada para a área cultural mas particularmente penoso para

estas instituições. “A primeira saída pensada foi buscar a captação de recursos junto à iniciativa privada, através da criação de Associações de Amigos”, relata Alayde. O Estado também resolveu assumir o seu papel, e a Secretaria de Cultura, em conjunto com a Fundação Cultural e a Novacap, instituiu o programa SOS Cultura, de caráter emergencial, com o objetivo de deter o processo de deterioração de alguns espaços, como o Museu de Arte de Brasília. A Novacap já recebeu a lista de prioridades e deve iniciar os trabalhos brevemente.

Também nos próximos dias o coordenador do Sistema de Museus de Curitiba deverá estar em Brasília, para discutir o funcionamento do sistema na capital paranaense, unindo forças pela sobrevivência efetiva dos museus como espaços vivos e atraentes. Outras idéias que estão sendo discutidas é a inclusão de museus no rotei-

ro turístico da cidade, a melhoria da sinalização indicando a localização dos museus, a criação de linhas de ônibus especiais para as instituições e a intensificação do programa já existente, desenvolvido em conjunto com a Secretaria de Educação, de visitação de estudantes a museus.

“Talvez a grande saída para a perda progressiva do público seja a filosofia do espaço vivo, do museu onde as coisas acontecem de forma interativa, com uma linguagem viva”, avalia Alayde Sant’Anna, exemplificando com as oficinas desenvolvidas pelo Museu Vivo da História Candanga e os recursos de artes plásticas do Museu de Arte, as formas de trabalho ativo e crítico que podem ser implantadas. “Cada espaço deve procurar a sua forma, a partir de sua própria vocação”, conclui.

Hélio Franco